

## CAPÍTULO IV<sup>1</sup>

### A ideia fixa<sup>2</sup>

A minha ideia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se ideia fixa. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Vê o Cavour; foi a ideia fixa da unidade italiana que o matou. Verdade é que Bismarck<sup>3</sup> não morreu; mas cumpre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a história uma eterna loureira. Por exemplo, Suetônio<sup>4</sup> deu-nos um Cláudio, que era um simplório,<sup>5</sup> – ou “uma abóbora” como lhe chamou Sêneca, e um Tito, que mereceu ser as delícias de Roma. Veio modernamente um professor e achou meio de demonstrar que dos dous cézares, o delicioso, o verdadeiro delicioso,<sup>6</sup> foi o “abóbora” de Sêneca. E tu, madama Lucrécia, flor dos Bórgias, se um poeta te pintou como a Messalina<sup>7</sup> católica, apareceu um Gregorovius incrédulo que te apagou muito essa qualidade, e, se não vieste<sup>8</sup> a lírio, também não ficaste pântano. Eu deixo-me estar entre o poeta e o sábio.

Viva pois a história, a volúvel história que dá para tudo; e, tornando à ideia fixa, direi que é ela a que faz os varões fortes e os doudos; a ideia móbil, vaga ou furta-cor é a que faz os Cláudios, – fórmula<sup>9</sup> Suetônio.

Era fixa a minha ideia, fixa como...<sup>10</sup> Não me ocorre nada que seja assaz fixo nesse mundo: talvez a lua, talvez as pirâmides do Egito, talvez a finada dieta

---

<sup>1</sup> CAPÍTULO IV] CAPÍTULO IV. – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> A ideia fixa] A IDEIA FIXA. – em MPBC1-1880.

<sup>3</sup> Bismarck] o Bismark – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881; Bismark – em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899.

<sup>4</sup> Suetônio] o Suetônio – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>5</sup> um simplório,] um verdadeiro banana, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>6</sup> Veio modernamente um professor e achou meio de demonstrar que dos dous cézares, o delicioso, o verdadeiro delicioso,] Veio modernamente um professor e achou meio de demonstrar que ambos esses conceitos eram errôneos e abstrusos, e que dos dous cézares, o delicioso, o verdadeiramente delicioso, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881. Antônio Medina Rodrigues (1998, p. 271) sugere que Ferdinand Gregorovius “pode ser o professor”. A essa sugestão, acrescentamos esta: pode ser também Theodor Mommsen (1817-1903), historiador alemão que viria, em 1902, a ser o segundo escritor laureado com o prêmio Nobel de literatura. Machado de Assis possuía sete tomos em francês de sua *Histoire romaine*. (MASSA, 2001, p. 38)

<sup>7</sup> como a Messalina] com a Messalina – em MPBC1-1880.

<sup>8</sup> e, se não vieste] e, se, não vieste – em MPBC1-1880.

<sup>9</sup> A grafia original dessa palavra, em todas as edições publicadas em vida do autor, é “formula”. Não se usava então o acento gráfico que hoje distingue as proparoxítonas das paroxítonas. A edição crítica (MPBCEC-1960) traz “fórmula”, assim como as edições com texto estabelecido por Marcelo Mólolo (ASSIS, 2008) e Marta de Senna e Marcelo Diego (ASSIS, 2014). Outras edições trazem “formula”: a de J. Galante de Sousa (ASSIS, 1988), a de Antônio Medina Rodrigues (ASSIS, 1998), a de Letícia Malard (ASSIS, 1999) e a organizada por Hélio de Seixas Guimarães para a coleção “Todos os livros de Machado de Assis” (ASSIS, 2023). Por curiosidade, vale registrar que a tradução para o espanhol feita por Julio Piquet, em vida do autor, traz “fórmula” (ASSIS, 1902).

<sup>10</sup> como...] como.. – em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899.

germânica.<sup>11</sup> Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos. Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, cousa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado.

Vamos lá; retifique o seu nariz, e tornemos ao emplasto. Deixemos a história com os seus caprichos de dama elegante. Nenhum de nós pelejou a batalha de Salamina, nenhum escreveu a confissão de Augsburg;<sup>12</sup> pela minha parte, se alguma vez me lembro de Cromwell, é só pela ideia de que Sua Alteza, com a mesma mão que trancara o parlamento, teria imposto aos ingleses o emplasto Brás Cubas. Não se riam dessa vitória comum da farmácia e do puritanismo. Quem não sabe que ao pé de cada bandeira grande, pública, ostensiva, há muitas vezes várias outras bandeiras modestamente particulares, que se hasteiam e flutuam à sombra daquela, e não poucas vezes lhe sobrevivem?<sup>13</sup> Mal comparando, é como a arraia-miúda, que se acolhia à sombra do castelo feudal; caiu este e a arraia ficou. Verdade é que se fez graúda e castelã... Não, a comparação não presta.

---

<sup>11</sup> Nesta passagem, a palavra “dieta” tem o sentido que tem na história política, de “assembleia, parlamento”. A *Dieta do Sacro Império (Reichstag)*, principal instrumento governamental do *Reich*, foi instituída no século X, tornou-se permanente e desapareceu com o Sacro Império em 1806. Na época em que este romance foi publicado, havia a *Dieta do II Reich* (1871-1918). (GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural, 1988, v. 3, p. 1050)

<sup>12</sup> de Augsburg;] do Augsburg; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>13</sup> que se hasteiam e flutuam à sombra daquela, e não poucas vezes lhe sobrevivem?] que se hasteiam e flutuam à sombra daquela, com ela caem, e não poucas vezes lhe sobrelevam? – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.